



Informe de Base – AG 18/11/11

Em assembleia geral realizada no dia 18 de novembro, no anfiteatro da Faculdade de Comunicação Social da UFJF, os trabalhadores elegeram os delegados para as duas próximas Plenárias Nacional da Fasubra. Jovelino Pedro de Assis (indicado pela direção), Lucas da Silva Simeão e Luiz Roberto Pereira (eleitos pela base) são os delegados que irão à Brasília para a Plenária dos dias 25 e 26 de novembro. Márcio Roberto Sá Fortes e Hugo Soares são os suplentes.

Para a Plenária Nacional dos dias 9 a 11 de dezembro, serão delegados da base do Sintufejuf: Silvestre dos Santos (indicado pela direção), Rosângela Marcia Frizzero e Cléves de Oliveira Gonçalves. São os suplentes: Nilza Lino da Silva e Márcio Roberto Sá Fortes.

Depois da escolha dos delegados, o coordenador do Sintufejuf e da Fasubra, Emanuel Braz, repassou aos presentes alguns informes da federação. Ele explicou que a pauta da Plenária será a avaliação do estatuto, assunto aprovado no último Confasubra. Já está disponível um modelo com as alterações sugeridas, a partir das propostas que foram sistematizadas. Além disso, Emanuel informou que a categoria tem uma agenda acertada com o MEC e uma proposta de agenda com o Planejamento. Nos dias 22 e 23 de novembro acontece a reunião da Comissão Nacional de Supervisão da Carreira que terá como pauta, entre outros pontos, a concessão de bolsa para mestrado e doutorado para técnico-administrativos. Na Plenária, segundo Emanuel, a direção apresentará a minuta do projeto para definir as bolsas.

Segundo ponto da pauta: avaliação da greve

Emanuel Braz foi o primeiro a falar. Ele resgatou a luta da categoria que iniciou na greve de 2007, “um movimento difícil, com a mídia sufocando”, mas “com todas as deficiências, todas as forças políticas buscaram o consenso e, em 2007, conseguimos melhorar um pouquinho. Saímos com a proposta de avançar e mudar”. Emanuel disse ainda que a eleição dos coordenadores da Fasubra em 2009 já dava sinais de como seria a trajetória. Inclusive, segundo ele, o Confasubra não conseguiu discutir um plano de lutas para a categoria. Com o último movimento de greve, houve o desentendimento político dentro da federação, fragmentação. “A crítica que eu tenho é de não termos conseguido construir dentro desse corpo de coordenadores e trabalhadores uma caminhada que norteasse a vida da categoria. Nós erramos, porque o erro de um companheiro do time compromete todo o time e o nome do time é Fasubra”, comentou.

Aluisio da Silva destacou que esperava uma situação difícil; já em 2007 alertava que poderia haver crise mundial e o corte do orçamento com a troca de governo. Porém ele considerou que a derrota atual “foi a pior”, ao perceber que “os trabalhadores estão deixando o objetivo principal para disputa interna dentro da categoria”. Os trabalhadores deveriam ter, como adversário, o patrão, de quem os trabalhadores devem buscar as fragilidades. Isso não aconteceu, conforme Aluisio. Ele afirmou que sempre houve disputa política na federação, mas em nenhum momento anteriormente o coletivo foi deixado de lado. “Quando propomos negociação com o governo, tínhamos contraproposta e isso nesse movimento acabou, pois a nossa greve acabou com as negociações com o passar do tempo”, disse Aluisio.

Maria Ângela destacou que as pessoas no movimento sindical tentam culpar a

própria categoria e por isso as pessoas estão desmobilizadas e as assembleias vazias. Ela disse que também esteve no Comando Nacional de Greve e o que realmente aconteceu foi o governo, autoritário, que recebeu os trabalhadores com tropa de choque no Congresso e não conversou com os grevistas. “Governo que veio do movimento de trabalhadores, isso tem que ser dito”, declarou. “O governo fala que não conversa com a categoria em greve e os trabalhadores saem correndo, para sair da greve. Não tem acordo nisso e aí tem que ter embate e isso é bom”, mencionou. Maria Ângela disse também que a greve estava dividida entre os que apoiavam o governo e não colocaram força no movimento e uma parcela e os que queriam brigar com o governo. Para ela, as coisas ficaram difíceis com a manipulação de votos, pois a retirada da greve não foi o que a categoria acordou em Juiz de Fora.

Luiz Roberto destacou que a derrota está aí, não adianta querer fugir e deve-se colocar em evidência quem levou a categoria a essa perda. Disse que votou contra a greve e com seriedade, pelo melhor da categoria, por uma negociação séria. Ele disse que ouviu argumentos durante a greve, de que “documentos não valem nada” e “vamos derrubar ministro”. E com isso, segundo ele, veio a derrota: greve dividida, uma liminar e a categoria sem aumento. Luiz pediu para que as pessoas “usem a verdade”. “Vamos respeitar os colegas de trabalho, não vamos tirar a credibilidade dos colegas que foram lá e acreditaram na negociação”, destacou.

Fabrcio disse que escuta pessoas dizendo que vão se desfiliar do sindicato e percebe a categoria sem energia. Para ele, isso se deve não por uma falta de vitória na greve, mas porque foi uma greve “morna”, com RU aberto, sem inserção nas rádios e com a primeira faixa colocada depois de 2 meses do início do movimento. Ele destacou que a maioria das assembleias votou a favor da greve e questionou o motivo da diferença de dois votos na votação da Fasubra. “Vamos falar sério, negociamos com a CUT durante essa greve”, analisou. Fabrcio comentou também que a proposta de negociar fora da greve não deveria nem ter sido estudada. Ele defendeu que a carreira está acabando: RU privatizado, agora a carreira está ameaçada de acabar no HU. “Não tenho dúvidas de que não vai parar por aí. O primeiro passo para garantir nosso trabalho é garantir nossa carreira”.

Rogério disse que é “muito fácil falar que foram os governistas que atrapalharam o movimento grevista”. O indicativo de greve era para abrir negociação, segundo defendeu, mas por responsabilidade da diretoria foi encaminhado o que a federação deliberou. Rogério também disse que a ala mais radical da Fasubra “bagunçou tudo”, desrespeitou a categoria e interrompeu as negociações em início. Depois do posicionamento de manter a greve, em julho, não se falou mais em negociação enquanto outras categorias continuaram o diálogo com o governo. Ele ressaltou que saiu de Brasília frustrado, pois o governo deu três chances de negociação. “Nosso papel é conversar com as pessoas e não fazer o que aconteceu com o Comando Nacional, passando por cima de tudo. Faltou a sensibilidade de quem está na frente pensar na categoria e não partido. E não jogar a culpa em quem estava tentando negociar para tirar a categoria desse buraco”, resumiu.

Jovelino disse que estava em Brasília quando o documento chegou e quando o Jurídico da Fasubra se reuniu para avaliar a liminar. “Resolvemos pelo sim, é melhor do que ficar sem nada”, relatou. Logo depois começou o desrespeito, segundo ele, e falavam que “o grupo perderia na base”. Chegando em Juiz de Fora, “fomos chamados de traidores”, comentou, por terem dado um crédito de confiança ao governo e os desentendimentos continuaram. “Todos perderam, não foi só Juiz de Fora. Estamos fazendo do aliado inimigo e de inimigo o aliado. Se não entrarmos em consenso não vamos conseguir hoje nem amanhã”, destacou.

Hitamar ressaltou que a greve sirva de exemplo, porque os trabalhadores não devem entrar na greve com uma votação como foi, “absurda”, conforme avaliou. “Tem coisa errada, tem um racha”, acrescentou. Hitamar defendeu que, se há divergência, deveria ser marcada outra assembleia a fim de conscientizar as pessoas e mobilizar para uma ideia única. Sobre a Fasubra, ele defendeu que a diretoria tem que ser verdadeiramente representativa, caso contrário precisa ser repensada.

Paulo Dimas comentou que as pessoas não estão avaliando a greve em seus discursos e sim o sindicato. Isso é sinal do que acontece nacionalmente, se não consegue fazer a luta dentro do grupo, faz outro, assim como tem acontecido com a criação de centrais. “É muito fácil acusar o colega do lado. Tem gente que esqueceu o que aprendeu: tem hora que você tem que se unir. Questionar a diretoria do sindicato que, durante duas eleições consecutivas, ganha com aprovação em torno de 70%?”. Paulo Dimas lembrou que na quarta-feira anterior (16/11) teve um movimento na universidade que não foi convocado pelo sindicato. Ele compareceu e viu 8 pessoas presentes. “Se um outro movimento chama uma atividade e a base não comparece quem é o culpado? O sindicato? Também estava vazio”, disse. Ele também lembrou que as pessoas abandonavam o Comando de Greve e não davam prosseguimento às ações. Paulo Dimas ressaltou que está na hora da categoria resgatar a memória, ficar mais forte e lutar pelos HUs e pelo ensino público, que é luta de todos.

Flávio comentou que localmente é complicado falar de caminhos errados de “A” ou “B”. A categoria em Juiz de Fora decidiu conjuntamente entrar em greve enquanto o governo disse que não recebia grevistas, entrou com liminar contra o movimento e debochou dizendo que “o mundo não acabava em 2012”. Ele disse entender que o governo não teve proposta de reajuste e discordou de que a categoria teve três chances de negociação. Foram 44 vezes, desde 2007, segundo comentou. Em Juiz de Fora, foram acordos não cumpridos por parte da reitoria (abertura do RU, entrega do documento com as deliberações da assembleia para a AGU e o não envio da nota de esclarecimento, em resposta ao DCE, para a mala direta da universidade). Também viria no site da UFJF uma manifestação pública contra a EBSERH e esta saiu em desacordo com que foi combinado). “Esse modelo de parceira com a reitoria não funciona. Estou convidando o sindicato a pensar a resposta que está sendo negativa”, comentou.

Na reinscrição, Emanuel disse que muito entristece as ações paralelas que não contribuem e que é preciso trabalhar dentro da linha unida e não promover debate para desgastar um ao outro. A greve foi votada em Juiz de Fora, segundo ele, na tentativa de construir a unidade. Maria Ângela declarou que existem grupos que apóiam cegamente o governo e esses grupos perderam a votação na base porque votaram contra a base. Aluisio disse que numa luta política tem o trabalhador e o patrão, logo, “não queremos que governo defenda nossos interesses” e comentou que não se pode usar a greve por causa de direção, plenárias e congressos futuros.

Deliberação:

- Imprimir 200 cópias da nota de repúdio do Conselho Nacional de Saúde e entregar no Seminário de Humanização a ser realizado no HU (proposta do Flávio).

Diretoria Executiva do Sintufefuf